

Notas e Reflexões

COMUNICAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO. DE PROFESSOR A FACILITADOR NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM E DESCOBERTA¹

Stefania Capogna

s.capogna@unilink.it

Investigadora na Link Campus University (Itália), Professora de Sociologia da Comunicação e de Comunicação Pública e Organizacional; Professora no Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Roma Três. As suas áreas de investigação incluem pesquisa sobre políticas públicas, no que diz respeito à educação, e Aprendizagem ao Longo da Vida em relação às tecnologias digitais. Entre suas publicações mais recentes destacam-se: *School, University, E-learning: sociological analysis*, Armando, Roma, 2014; *E-learning quality standards. The case study of an online University* (com Albert Sangrà), in *Democratic School*, 3/2016; *Schools 2.0: experiences and expertise. Digital teachers wanted*, in *JISE*, 2016, V. 8: 2.

Comunicação para a Educação

A forma como os professores gerem as suas interações (ambiente, metodologia, incentivo, respeito, confiança, etc.) produz diferentes tipos de modelos de aprendizagem e comportamento. Sempre houve uma interdependência estreita entre comunicação e educação, pois o ato de educar é, antes de mais, um ato relacional e comunicacional. Por este motivo, o presente ensaio centra-se nas competências emergentes que podem descrever **um facilitador do processo de aprendizagem e de descoberta**.

Comunicar significa educar

A investigação pedagógica didática mostra-nos que a forma como os professores gerem as suas interações (ambiente, metodologia, incentivo, respeito, confiança, processo de descoberta dos alunos, etc.) produz diferentes tipos de modelos de aprendizagem e comportamento. Por esse motivo, precisamos de nos concentrar na forma através da qual podemos analisar a relevância das competências comunicacionais, sociais e de

¹ A tradução desta nota foi financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia - no âmbito do projeto do OBSERVARE com a referência UID/CPO/04155/2013, e tem como objetivo a publicação na Janus.net. Texto traduzido por Carolina Peralta.



liderança e abordagem metodológica. A questão é: *que tipo de competências comunicacionais utilizadas pelos educadores podem favorecer o processo de aprendizagem e de descoberta?* As atividades didáticas e a aprendizagem colaborativa baseiam-se na comunicação verbal, acompanhada de uma intensa comunicação não-verbal e gestão do espaço proxémico. Por esta razão, considera-se a observação do que acontece na "caixa negra" da sala de aula uma investigação de comunicação. Através da comunicação, podemos observar características específicas de interação em contextos de aprendizagem: a assimetria do relacionamento; as rotinas específicas que regem as interações entre professores e alunos (a lição, a transação, a compensação, a explicação, a pergunta, a avaliação, a resposta, etc.); e as peculiaridades assumidas pelo currículo oculto na interação entre professor e alunos. Num ambiente educativo, podemos distinguir três tipos diferentes de interações: aprendentes-aprendentes; aprendentes-conteúdos e recursos ou experiências; aprendentes-educadores. Assim, quando consideramos fatores de risco associados à interação, temos que analisar os tipos de qualidade e quantidade: tipos de interações, domínios de interações (cognitivos, afetivos), frequência das interações, interações específicas do género, interações culturais específicas; mas igualmente a interação colaborativa típica de uma *comunidade de prática*; e a dimensão emocional da aprendizagem relativamente aos aspetos psicodinâmicos ou afetivos que podem favorecer ou impedir a aprendizagem. Por estas razões, refletiremos sobre os elementos capazes de favorecer um processo de aprendizagem positivo, analisando a correlação entre comunicação e educação.

A investigação social sobre a observação das interações na sala de aula pode adotar perspetivas distintas. A primeira é a *abordagem sociolinguística*, que estuda o uso da linguagem em diferentes contextos de aprendizagem. A segunda é a *abordagem etnográfica*, que examina o que acontece na sala de aula diariamente, prestando atenção ao processo de construção do conhecimento. A terceira é a *abordagem psicossocial*, que investiga o modo de comportamento e os estilos de comunicação na sala de aula, através da observação do ambiente na sala de aula. Estas são questões que tentamos explorar, de forma breve, nas próximas linhas, sublinhando a sua relevância nos processos de aprendizagem e descoberta e assim observar a relevância das competências comunicacionais dos professores. As *competências comunicacionais* incluem muitas competências necessárias aos oradores para uma comunicação efetiva e um evento falado apropriado, como a *competência linguística*, que é a capacidade de compreender e produzir formas corretas em termos fonológicos, morfossintáticos e lexicais; a *competência metalinguística*, que se refere à capacidade de refletir um fenómeno linguístico; a *competência sociolinguística*, referente à escolha de formas e registros linguísticos, que devem ser adequados ao contexto sociocultural do evento comunicacional em causa em termos do *status* e do papel de todos os participantes; a *competência estratégica* ou a capacidade de usar o idioma para atingir os objetivos da comunicação; as *competências textuais e discursivas* para compreender a produção, identificação e classificação de textos, géneros comunicacionais e sequências discursivas; a *competência paralinguística* referente aos itens ocultos, ou seja, entonação, pausas, timbre, velocidade e volume do discurso; as *competências extralinguísticas*, comumente definidas como a capacidade de usar códigos não-verbais de forma adequada e eficaz, juntamente com o idioma, ou em vez do idioma, e as diferentes competências que lhe são inerentes (competência cinésica, proxémica e vestémica); a capacidade de reconhecer e usar *várias ferramentas de comunicação*; a *competência cultural* relativamente às normas socioculturais, valores, costumes, os comportamentos de todos



os participantes e *competências interculturais*, que destacam a variabilidade cultural e a necessidade de respeitar as diferentes heranças simbólicas num contexto global que inclui também a aprendizagem em linha². Nas interações em linha, vários desses elementos mudam profundamente, tais como as *competências paralinguísticas e extralinguísticas*. Podemos aqui apontar sete elementos que influenciam a comunicação efetiva: emissor, recetor, cooperação, quantidade, qualidade, relação e modo (Grice, 1975). Também com base neste elemento, podemos distinguir diferentes estilos de comunicação, que é sempre um instrumento para construir uma interação intencional que vá ao encontro dos outros e crie significado e aprendizagem, regras comuns e um sentido de comunidade. Por essa razão, para nos tornarmos facilitadores dos processos de aprendizagem e descoberta, tanto presencialmente como em linha, temos que melhorar as nossas competências comunicacionais, mas também as nossas competências sociais, inteligência emocional (que é relevante para um estilo de comunicação assertiva) e competências metodológicas. Para se ser um bom comunicador requer uma elevada capacidade de autoconsciência. Os estudos de psicologia social podem ser muito úteis na aquisição de competências sociais para observar o espaço no qual a relação didática se desenvolve. Podemos considerar quatro tipos de competências sociais: *competências de comunicação interpessoal* (relacionadas com a capacidade de *gerir uma mensagem* tendo em conta os diferentes níveis de *comunicação interpessoal*); *competências de liderança* (a soma das competências individuais que permitem aos indivíduos *gerir um grupo*); *resolução de problemas e configuração de problemas* (a soma das competências individuais que permitem definir um problema e entender uma situação); *gestão positiva e construtiva do conflito e tomada de decisão*. Continuando com essa reflexão, podemos considerar que *tipo de competências sociais e de liderança* devem caracterizar um bom comunicador. Os estudos emocionais (Ashkanasy, Humphrey, 2011) ilustram que podemos observar a emoção em cinco níveis distintos: dentro da pessoa; entre pessoas, a nível interpessoal; entre grupos e equipas, e a nível de organização. No nosso caso, consideramos a emoção dentro de grupos e equipas em relação às seguintes questões: liderança (influência direta e contágio emocional); afetos do grupo (troca afetiva entre membros da equipa e inteligência emocional do grupo) e comportamento e desempenho do grupo. Por esse motivo, o conceito de *inteligência emocional* torna-se relevante. Goleman (2011) identificou quatro dimensões importantes no estudo deste conceito: **autoconsciência; autogestão; consciência social e gestão das relações**. Podemos reconhecer duas formas diferentes através das quais as emoções positivas e negativas influenciam o ciclo de aprendizagem. Na primeira, o ciclo de emoções positivas (que se desenvolve a partir da ansiedade através da incerteza, aceitação do risco e luta), leva a pessoa, através da sua intuição, a promover o processo de aprendizagem e descoberta; enquanto, na segunda, o ciclo de emoções negativas surge da ansiedade (como os de escape ou luta; recusa ou evasão, defesa ou resistência), levando o aluno a aceitar a prevenção da sua ignorância (Illeris, 2003). Os alunos avançam através da "espiral emocional" (Kort, et al. 2001), ciclo após ciclo, tornando-se mais competentes e adquirindo maior domínio do conhecimento. É uma viagem através da aprendizagem e capacitação. Em cada etapa, o professor tem que combinar diferentes conjuntos de competências de comunicação e metodologias para acompanhar os alunos através da sua descoberta. Neste sentido, um professor deve assemelhar-se mais a um

² Com o desenvolvimento das TIC, temos que considerar também as questões do grau de instrução relativamente aos meios de comunicação, alfabetização digital e competências audiovisuais.



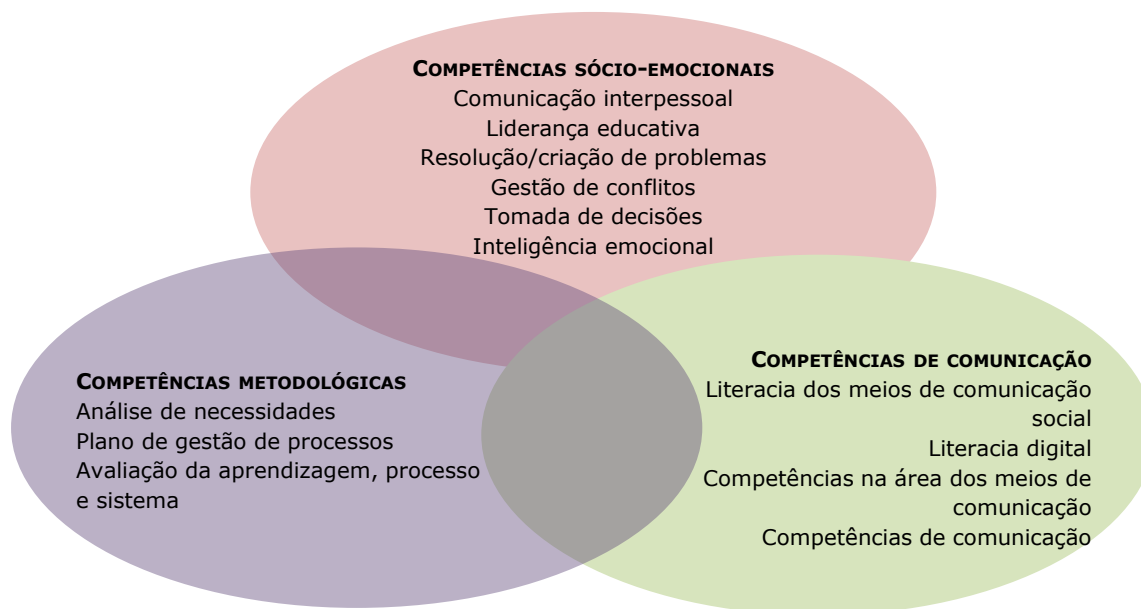
facilitador do que a um especialista em conteúdos tanto presencialmente como no processo de educação em linha, onde é impossível imaginar um sistema de conhecimento próximo detido pelos professores. Pensar nas competências essenciais dos professores na era digital significa identificar o processo através do qual as tecnologias podem ser incluídas nas práticas de ensino.

Puentedura criou o modelo SAMR, que identifica quatro estádios de crescente complexidade, que correspondem a diferentes métodos e competências estratégicas. O primeiro caracteriza-se pela *substituição*, que consiste na exploração das capacidades das TIC juntamente com os meios de comunicação tradicionais. Esta fase de descoberta visa apoiar o processo de *brainstorming*, útil tanto para estimular o pensamento criativo, lateral e divergente como para acompanhar os alunos na exploração de novas conexões, hipóteses e questões de investigação. Nesta fase, em primeiro lugar, o professor deve agir como *coach*, encorajando os recursos potenciais latentes e inexplorados dos estudantes, apoiando a sua motivação e participação; encorajando o processo de construção da equipa, sustentando e orientando o processo de construção do percurso do conhecimento que se inicia. A segunda é a *fase de alargamento*, onde, através da variedade de meios de comunicação que as TIC proporcionam, os alunos podem expandir as suas bases de conhecimento e oportunidades graças ao uso consciente dos recursos educativos de livre acesso, tais como documentos e fontes oficiais, revistas, bases de dados etc. Nesta fase, os estudantes têm que analisar o tema e o problema escolhido. O professor deve liderar o grupo na identificação e seleção de fontes para analisar e investigar o tema de forma a desenvolver ideias significativas. O professor deve atuar como um facilitador, de forma a garantir o apoio motivacional adequado, e orientar o processo em termos de recursos e gestão do grupo, fluxos e volume de trabalho. A terceira é a fase de *experimentação*, na qual os alunos desenvolvem novos conteúdos ou produtos do conhecimento, mesmo de forma colaborativa. Nesta fase, o professor deve orientar os alunos na organização lógica e coerente do seu conhecimento, apoiando um processo argumentativo sólido através do teste de hipóteses e questões de investigação que orientam o seu trabalho. Aqui, o professor deve orientar os alunos na organização dos seus conhecimentos de forma lógica e coerente, apoiando um processo argumentativo sólido através do teste de hipóteses e questões de investigação que orientam os seus trabalhos. Nesta fase, é importante prestar atenção às tarefas e objetivos para permitir medidas de monitorização e avaliação, não apenas relativamente aos resultados da aprendizagem, mas também no que diz respeito ao processo de aprendizagem, para garantir um redesenho adequado das atividades educativas. O último estágio consiste no *desenvolvimento* de novas ferramentas, projetos e produtos de conhecimento através da escolha das tecnologias multimédia mais adequadas ao objetivo do conhecimento e ao alvo identificados, pois cada meio de comunicação possui o seu código de comunicação próprio e distinto. Esta última fase caracteriza-se pela reflexão crítica da experiência adquirida e pela sua sistematização dentro de sistemas de conhecimento mais amplos. Portanto, o professor deve conduzir o processo de meta-avaliação, aperfeiçoamento e disseminação, com o objetivo de partilhar os resultados alcançados e ajudar os alunos a reconhecer (e apropriar-se de) os progressos alcançados. Com base nessas reflexões, podemos dizer que cada etapa corresponde um estilo diferente, que podemos chamar "situacional". Um estilo que deve ser capaz de atuar em competências diferentes relativamente ao objetivo de aprendizagem que temos que liderar com recurso às novas tecnologias. São estilos que podemos sintetizar da seguinte maneira: o estilo motivacional na fase inicial; o estilo de direção na fase de investigação;



o estilo de apoio na fase experimental e um *feedback* construtivo na fase de sistematização.

Figura. 1 Ensino das competências básicas



2. Conclusões

Tudo isso requer uma alteração radical do cenário educativo tradicional. Educar na era digital exige um novo pacto educativo entre escolas, sociedade, famílias e alunos. Assistimos à desintegração das relações educativas que estão a mudar a associação de poder entre professor e aluno, dentro de uma aula que parece cada vez mais "líquida" porque perde os limites habituais do espaço e do tempo. Concluindo, de forma a promover os processos de aprendizagem e descoberta dos nossos alunos, precisamos de assegurar uma formação que permita que os professores melhorem as competências técnicas adequadas (competências socio-emocionais, de comunicação e metodológicas), para que possam tornar-se facilitadores. Esta reflexão revela que as relações interpessoais eficientes entre os membros do grupo induzem uma colaboração adequada, orientada para um bom clima grupal e capaz de estimular a responsabilidade individual. A qualidade das interações e da comunicação assegura a qualidade do processo ensino-aprendizagem. Geralmente, dizemos que a comunicação assenta em três canais de perceção (visual, auditiva, cinestésico), esquecendo que existe o canal emocional, que constrói uma ponte entre nós e os outros. Baseia-se na linguagem universal das emoções que a ciência explica através dos "neurónios espelho". Se a comunicação significa educar, a educação em comunicação também envolve educar o reconhecimento das emoções e da herança simbólica que se confronta com o encontro intercultural com os outros e o respeito pelos mesmos.



Referências bibliográficas

Ashkanasy NM, Humhrey RH (2011). *Current Emotion Research in Organizational Behavior, Emotion Review*, Vol. 3, Nº.2, (abril de 2011), pp. 214-224.

Capogna S. (2015), *Learning in the 21st century: the digital challenge for teachers*, Qtimes 3/2015.

Goleman D. (2011), *The Brain and Emotional Intelligence: New Insights*, More Than Sound. LLC.

Grice H. P. (1975), *Logic and conversation*. In P. Cole, & J. Morgan (Eds.), *Syntax and semantics* (pp. 41-58). Nova Iorque: Academic Press.

Illeris K. (2003), *Three Dimensions of Learning: Contemporary learning theory in the tension field between the cognitive, the emotional and the social*. 272 páginas. Livro brochado. Malabar, Florida: Krieger.

Kort B., Reilly R., Picard RW (2001), *An Affective Model of Interplay between Emotions and Learning: Reengineering Educational Pedagogy-Building a Learning Companion, The Community for technology Leaders*, Madison, WI, EUA, 6 de agosto de 2001 a 8 de agosto de 2001.

Como citar esta Nota

Capogna, Stefania (2017). "Comunicação para a educação. De professor a facilitador nos processos de aprendizagem e descoberta". *Notas e Reflexões, JANUS.NET e-journal of International Relations*, Vol. 8, N.º 2, Novembro 2017-Abril 2018. Consultado [online] em data da última consulta, DOI: <https://doi.org/10.26619/1647-7251.8.2.01>